



MARIADITA

# SENEPOL

JAGUARIÚNA



## Como funciona a aposentadoria por idade em 2021?



Abaixo reni todas as informações que você precisa saber para finalmente conseguir se aposentar.

### 1. SITUAÇÃO DE QUEM SE FILIOU AO INSS ANTES DA REFORMA (13/11/2019):

Quem já era filiado ao INSS antes da reforma da Previdência terá que se encaixar a uma das regras de transição:

Na regra de transição por idade, por exemplo, no ano de 2021, além dos 15 anos de contribuição, a mulher precisa ter 61 anos de idade para poder se aposentar. Em 2022, a mulher precisará ter 61 anos e seis meses de idade e 15 anos de contribuição. Essa idade sobe seis meses a cada ano, até chegar aos 62 anos, em 2023.

O homem, em 2021, precisa ter 65 anos de idade e 15 anos de contribuição. A idade, para o homem, não vai subir porque a regra continua a mesma.

As mudanças só valem para quem atingir os critérios de aposentadoria em 2021. Quem já tinha cumprido os requisitos no ano de 2020, mas ainda não deu entrada no pedido de aposentadoria, os critérios que valem são os de 2020.

### 2. APOSENTADORIA POR IDADE PARA QUEM SE FILIOU AO INSS APOS A

### REFORMA (13/11/2019):

O homem vai poder se aposentar por idade quando atingir 65 anos de idade. Já a mulher, com 62 anos de idade.

No entanto, além da idade mínima, será necessário um tempo mínimo de contribuição. Para a mulher, são 15 anos de contribuição. No caso dos homens, são 20 anos.

### 3. QUEM TEM DIREITO À APOSENTADORIA POR IDADE?

• **Empregado:** prestadores de serviço de natureza urbana ou rural, contínuo e subordinado ao empregador;

• **Empregado doméstico:** prestadores de serviços de natureza contínua e de finalidade não lucrativa à pessoa ou à família no âmbito residencial destas;

• **Contribuinte individual:** aquele que não tenha vínculos empregatícios;

• **Trabalhador avulso:** prestadores de serviços a diversas empresas, sem que haja relação de vínculos empregatícios. São aqueles anteriormente denominados de "empresário", "trabalhador autônomo" e "equiparado a trabalhador autônomo";

## Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça) agora aqui todas as semanas



Aos que ainda não me conhecem, meu nome é Caius Godoy, advogado e administrador de empresas com atuação exclusiva no agronegócio. De uma família de produtores rurais do interior de São Paulo, a querida Duartina, tento através do meu trabalho levar informações para dentro da porteira, sendo elas envolvendo o Direito, ou não. Hoje tenho escritório nas cidades de Campinas e Jaguariúna e com muito orgulho sou conhecido e chamado carinhosamente pelos meus amigos e clientes, como o Dr. da Roça. Espero que gostem da minha coluna semanalmente falando sobre o mundo agro e agradeço pela oportunidade do Grupo O Regional de comunicação.

E como sempre finalizo, tchaaau obrigado!!

• **Segurado especial:** pessoa física que exerça sozinha ou em regime de economia familiar atividades de artesanato, pesca, produtor, seringueiro.

- A dona de casa;
- O síndico de condomínio, quando não remunerado;
- O estudante;
- O brasileiro que acompanha cônjuge que presta serviço no exterior;
- Aquele que deixou de ser segurado obrigatório da Previdência Social;
- O bolsista e o estagiário que prestam serviço a empresa de acordo com a Lei 11.788/2008;

• O bolsista que se dedique em tempo integral a pesquisa, curso de especialização, pós-graduação, mestrado ou doutorado, no Brasil ou no exterior, desde

que não esteja vinculado a qualquer regime de previdência social;

• O presidiário que não exerce atividade remunerada nem esteja vinculado a qualquer regime de Previdência Social;

• O brasileiro residente ou domiciliado no exterior, salvo se filiado a regime previdenciário de país com o qual o Brasil mantenha acordo internacional;

• O segurado recolhido à prisão sob regime fechado ou semiaberto, que, nesta condição, preste serviço, dentro ou fora da unidade penal, a uma ou mais empresas, com ou sem intermediação da organização carcerária ou entidade afim, ou que exerce atividade artesanal por conta própria.

Dr. Caius Godoy (Dr. Da Roça) é sócio na Mariadita Senepol Jaguariúna e Agro-Box Agronegócios.  
e-mail: caius.godoy@mariaditasenepol.com.br

# Consórcio de grãos com forrageiras controla plantas daninhas na soja



Estudo da Embrapa Cerrados (DF) mostra que o plantio consorciado de grãos com gramíneas forrageiras

**Sistemas consorciados: opções sustentáveis para o Cerrado**



O pesquisador Robélio Marchão explica que o sorgo é uma cultura que se adapta muito bem aos sistemas agrícolas do Cerrado, principalmente nas regiões de menor oferta hídrica, onde a segunda safra de milho é uma opção de alto risco. "Se considerarmos as áreas do Cerrado cultivadas com soja onde não existe uma segunda cultura, há ainda uma enorme potencial para o sorgo. E o consórcio com sorgo na safrinha, mesmo não sendo tão atraente do ponto de vista econômico, é uma opção para intensificar de forma sustentável o sistema, produzindo forragem de duplo propósito, que pode melhorar a qualidade do plantio direto e ainda trazer diversos benefícios para a soja em sucessão", afirma. Ele conta que uma das modalidades de consorciação que podem ser usadas na região é o Sistema Santa Fé, baseado na produção integrada de culturas de grãos, especialmente milho, sorgo, milheto e arroz, com forrageiras tropicais em áreas de lavoura com solo parcial ou totalmente corrigido. Os principais objetivos do sistema são a produção de forragem para a entressafra e a produção de palhada em quantidade e qualidade para o Sistema Plantio Direto. Devido à maior facilidade de manejo, as braquiárias são as forrageiras que se destacam nesse sistema.

Marchão explica que as duas opções de espécies de gramíneas forrageiras avaliadas na pesquisa são contrastantes quanto às características de aptidão ao Sistema Santa Fé. "A braquiária *ruziziensis* sempre foi a referência no consórcio pela facilidade de estabelecimento e manejo e a qualidade da palhada. Já o capim-marandu é uma opção de manejo mais complexo no consórcio, com crescimento inicial mais rápido, maior potencial de produção de biomassa e conseqüentemente maior potencial de competição com o milho".

Houve redução de mais de 87% do peso seco das plantas daninhas do primeiro para o segundo ano da pesquisa. Segundo Marchão, apesar de os tratamentos químicos com herbicidas terem sido os mesmos nos dois anos, com a aplicação da mesma dose do produto e na mesma época, essa diminuição de um ano para o outro se deve principalmente à melhor cobertura do solo no segundo ano, resultando em maior

é capaz de reduzir a incidência de plantas daninhas no cultivo da soja. Após duas safras com os sistemas, foi

controle físico sobre a emergência e o desenvolvimento das plantas daninhas. "Esses resultados demonstram a importância de sistemas consorciados na entressafra da cultura da soja como estratégia para a redução da incidência de plantas daninhas", comenta.

Efeito semelhante foi observado no banco de sementes no solo, com a redução da flora emergente do primeiro para o segundo ano. "Foi demonstrado que a comunidade infestante presente no solo durante a safra é rapidamente influenciada pelo sistema agrícola antecessor de safrinha, que determina a quantidade e a qualidade da palhada", observa o pesquisador.



**Estudo mostrou redução de 85% na infestação de plantas daninhas na safrinha**

Robélio Marchão lembra que a área experimental utilizada apresentava alta infestação por plantas daninhas consideradas de difícil controle. "Logo no primeiro ano, o cultivo consorciado do sorgo com braquiária *ruziziensis* foi capaz de reduzir em mais de 86% o banco de sementes no solo, enquanto o consórcio com capim-marandu reduziu a infestação em 38%", afirma.

No segundo ano de cultivo da soja, após dois ciclos de safrinha em sucessão, foi observada uma redução média de mais de 85% da flora emergente do banco, demonstrando que todos os sistemas de cultivo em safrinha foram eficientes em reduzir a infestação de plantas daninhas.

Já os sistemas de cultivo solteiro do sorgo e o pousio (onde não houve cultivo de safrinha após a soja), sem a presença das braquiárias, foram os que apresentaram maior incidência de plantas daninhas. "Apesar de o sorgo ser considerado uma cultura com alta capacidade de competição com invasoras no meio agrônomico, os resultados da pesquisa demonstram a importância do consórcio na safrinha, época em que normalmente ocorrem fluxos de emergência de plantas daninhas", aponta Marchão, lembrando que normalmente as áreas atualmente

possível observar diminuição de até 87% do peso seco dessas espécies invasoras. Paralelamente, a técnica resultou em ganhos de 8% de produtividade média da oleaginosa. Esses resultados indicam que as gramíneas forrageiras, além de atuarem como plantas de cobertura do solo, podem ser inseridas em sistemas consorciados ou em sucessão como uma das estratégias para intensificação sustentável do sistema agrícola.

De acordo com levantamento realizado pela Embrapa Soja (PR) nas principais regiões produtoras do País, os custos de produção em lavouras dessa oleaginosa com plantas daninhas resistentes a herbicidas como o glifosato podem subir até 222%, não somente pelo aumento de gastos com esses produtos, mas também pela perda de produtividade.

A pesquisa avaliou o plantio do sorgo granífero consorciado com as espécies forrageiras braquiária *ruziziensis* (*Urochloa ruziziensis*) e o capim-marandu (*U. brizantha*) no cultivo de segunda safra da soja cultivada

sob pousio no período de safrinha apresentam elevada infestação de plantas daninhas, inclusive de espécies resistentes a herbicidas.

Outro resultado observado foi que, nos consórcios, não houve interferência das forrageiras no desenvolvimento do sorgo e vice-versa. O sorgo mostrou adaptabilidade aos capins, uma vez que a altura das plantas e o peso e o rendimento de grãos não foram afetados quando consorciados com o capim-marandu e a braquiária *ruziziensis*.

Além disso, a produção de matéria seca pelas forrageiras nos consórcios foi próxima à produção nos cultivos solteiros, indicando a adaptabilidade dessas gramíneas aos sistemas de Integração Lavoura-Pecuária.



**Impacto na produtividade da soja**

Outro resultado da pesquisa foi que, independentemente do espaçamento do sorgo, a braquiária *ruziziensis* apresentou maior produção de biomassa em comparação com o capim-marandu, sendo mais eficiente na cobertura do solo na safrinha. Segundo os pesquisadores, isso refletiu em maior rendimento de grãos da soja – no cultivo em sucessão à braquiária *ruziziensis* no consórcio, a produtividade média foi de 3.196 kg/ha, sendo 11% superior ao cultivo em sucessão ao pousio (2.874 kg/ha) e 8% superior ao cultivo em sucessão ao capim-marandu (2.948 kg/ha). A presença da braquiária *ruziziensis* foi determinante para o aumento da produtividade de grãos de soja mesmo em cultivo solteiro na safrinha (3.317 kg/ha).

De modo geral, a produtividade média da soja cultivada nos tratamentos em consórcio foi 8% maior que a média das áreas em sucessão ao pousio. "Os resultados mostram que a comunidade de plantas daninhas que emergiu durante o ciclo da cultura da soja foi determinada pelos sistemas de cultivo que antecederam a soja durante a entressafra", explica Marchão.

O pesquisador acrescenta que esses sistemas consorciados têm maior potencial para manter a população de plantas daninhas abaixo do nível de dano econômico na soja em sucessão, uma vez que o desenvolvimento controlado da gramínea forrageira é uma estratégia para reduzir, mas não erradicar as plantas daninhas.

**Não basta controlar, é preciso prevenir!**

em sucessão no verão. O objetivo foi observar como a dinâmica de plantas daninhas no campo é influenciada pelo cultivo de sorgo na safrinha em dois espaçamentos entre linhas (0,5 m e 0,7 m) consorciado com as duas gramíneas e nos cultivos solteiros das três espécies. Uma área cultivada com soja e deixada em pousio no restante do ano também foi avaliada.

O experimento foi conduzido durante dois anos consecutivos, e as avaliações realizadas durante o ciclo do sorgo na safrinha e na soja em sucessão. Os pesquisadores analisaram ainda a população e a matéria seca e o banco de sementes de plantas daninhas no solo durante os dois anos agrícolas. A pesquisa foi realizada no âmbito do projeto "Avaliação de espécies forrageiras perenes e culturas anuais em consórcio no sistema integração lavoura-pecuária para condições de Cerrado". Os resultados foram divulgados nos periódicos *Scientia Agricola* e *Pesquisa Agropecuária Brasileira* (PAB) e em uma circular técnica.



A ocorrência de plantas daninhas nas áreas agrícolas após a colheita da cultura de verão é um fato comum no campo, principalmente quando o uso de herbicidas é a única estratégia de manejo, sem a preocupação com a redução do banco de sementes de plantas daninhas do solo.

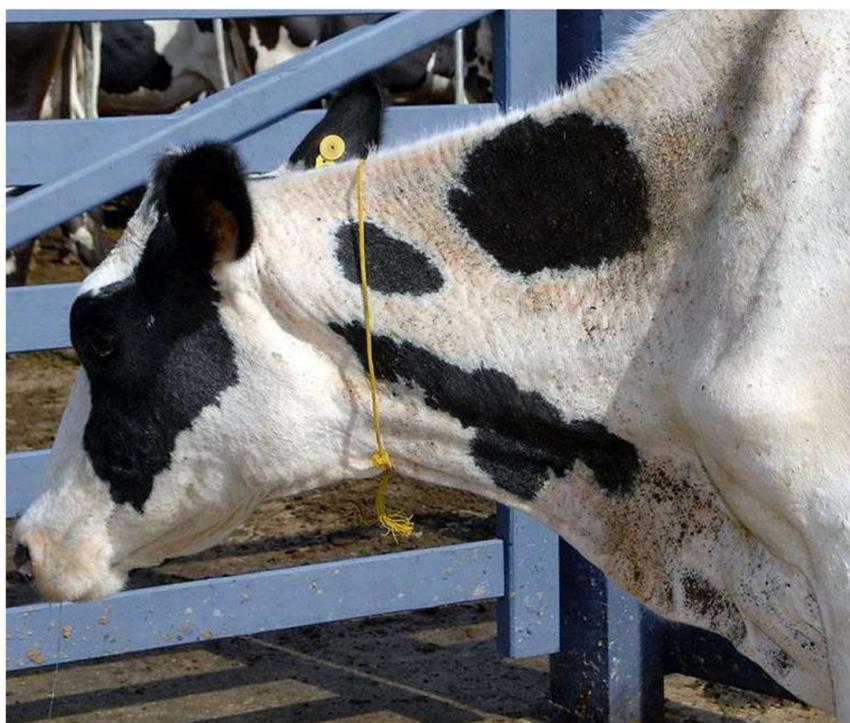
A pesquisadora Núbia Correia explica que, no período próximo à colheita da cultura, o aumento da incidência de luz no solo associado à sua umidade favorece a germinação das sementes e a posterior emergência das plântulas na superfície do solo.

"Mas quando há uma cobertura verde concomitante à colheita do milho ou da soja, principalmente pela falta de luz, essa germinação não ocorre, desfavorecendo a reinfestação da área", diz. Nesse tipo de manejo, são utilizadas estratégias culturais para evitar novas emergências de plantas daninhas na área, com conseqüente redução na infestação de plantas adultas e no banco de sementes do solo.

Em estudo realizado na Embrapa Cerrados cerca de 70 dias após a colheita do milho de primeira safra, ao comparar uma área de milho consorciado com a forrageira *Panicum maximum* BRS Zuri com milho solteiro, houve redução de 68% na infestação de plantas daninhas na faixa de milho consorciado, sendo de 66% apenas para plantas de buva (*Conyza sumatrensis*), uma daninha problemática para as lavouras de grãos.

Além disso, as espécies capim-amargoso (*Digitaria insularis*), poaia-branca (*Richardia brasiliensis*), erva-de-santa-luzia (*Chamaesyce hirta*), cordão-de-frade (*Leonotis nepetifolia*), apaga-fogo (*Alternanthera tenella*) e macela-branca (*Gnaphalium spicatum*) ocorreram somente na faixa de milho solteiro. "Isso evidencia a importância da cobertura verde do solo na entressafra agrícola, no período de outono/inverno, para redução da infestação de plantas daninhas de difícil controle como buva, capim-amargoso, poaia-branca e erva-de-santa-luzia", conclui Núbia.

# Sistema de controle reduziu carrapato-do-boi em 82% sem usar químicos



Nos primeiros resultados foram registrados uma redução de mais da metade da população de carrapatos

Um estudo da Embrapa realizou controle de carrapatos em bovinos sem o uso de produtos químicos, utilizando apenas estratégias de manejo, com os animais em pastejo em diferentes regiões. Chamado de Lone Tick, o sistema obteve resultados iniciais de 82% de redução da população de parasitas nos rebanhos. O trabalho está sendo desenvolvido nos biomas Cerrado e Pampa.

O trabalho de pesquisa no Cerrado avaliou durante um ano o controle da infestação de carrapato *Rhipicephalus microplus* em bovinos da raça Senepol, no sistema de manejo rotacionado, obtendo uma média de dez carrapatos por animal, sem uso de acaricidas. "Quando há cerca de 40 carrapatos no animal, significa que teremos problemas econômicos no rebanho", informa o pesquisador da Embrapa Gado de Corte Renato Andreotti, responsável pela atividade de controle do carrapato-do-boi sem o uso de acaricidas, inserida no projeto "Produção e avaliação de antígeno recombinante para uso no controle do carrapato-do-boi com base na vacinologia reversa". "Na raça Senepol, sensível ao carrapato, o projeto obteve sucesso. A meta agora é conseguir resultados semelhantes na raça Angus - animais produtivos e mais sensíveis ao carrapato - e presentes em diferentes regiões do País", observa. O estudo será realizado por, pelo menos, dois anos.

No Pampa, o trabalho foi iniciado no segundo semestre de 2021 e têm dado motivação para os produtores: nos primeiros resultados foram registrados uma redução de mais da metade da população de carrapatos. "Ainda, não podemos falar em percentual de redução da população porque estamos no início do projeto. Teremos mais certezas quando fizermos pelo menos uma avaliação sazonal. Mesmo assim, acredito que o trabalho está indo muito bem, pois os carrapatos adultos sobre os animais diminuíram", relata o professor Rodrigo Cunha, da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), que realiza as coletas para avaliação do estado de saúde dos animais, por meio de análises realizadas no laboratório especializado da Faculdade.

A presença do carrapato nos animais faz com que seus agentes causem o aparecimento da doença conhecida como tristeza parasitária bovina (TPB) causada pelos agentes: Babesia bovis, Babesia bigemina e Anaplasma marginale, o que pode levar os animais à morte. Caso não seja adotado um controle pelo produtor, este sofrerá grandes prejuízos. "Não se tem registros exatos de mortes de animais por TPB no País. É importante lembrar que no Sul

essa doença possui uma gravidade maior por ser região de instabilidade enzoótica, que significa que os animais estão vulneráveis após o inverno, levando a um risco de morte maior", esclarece Andreotti ressaltando a preocupação com a qualidade dos alimentos fornecidos pela bovinocultura.

Um agravante do problema vem do melhoramento genético. Os produtores de gado de corte utilizam cruzamentos com raças mais produtivas para aumentar a produtividade do seu sistema por meio da precocidade, qualidade da carne, entre outros fatores, mas essas raças são mais sensíveis ao carrapato. "O rebanho acaba ficando refém das infestações por carrapatos, porque foi produzida uma nova definição genética dessa população de bovinos cruzados em sistemas de produção. Estima-se que haja perda de um grama de carne por carrapato ao longo do ano, por isso se justifica economicamente a necessidade do controle", explica Andreotti.

Com o gado de leite o problema se repete. Animais mais produtivos costumam também ser mais sensíveis ao carrapato, e isso provoca uma perda anual de leite de 95 kg por animal, principalmente com a raça holandesa e em sistema de produção familiar, acarretando diminuição nos lucros.

O pesquisador explica que os animais de raças europeias e seus cruzamentos são totalmente dependentes de controle do carrapato para poder expressar seu potencial genético produtivo, caso contrário, corre o risco de, além de não produzir, perder o investimento realizado no rebanho devido à mortalidade causada pela TPB. "No sistema Lone Tick, além do controle não usar acaricida, ele aceita a mesma carga animal do sistema de produção tradicional", comenta.



## O controle Lone Tick

Lone tick, traduzido da língua inglesa por carrapato solitário, é um sistema de controle sanitário sem uso de acaricidas, ou seja, sem a realização de controle químico. "Nossa intenção é apresentar uma solução global, pois o carrapato é um problema mundial", destaca. Ele cita a infestação de carrapatos na pecuária da Austrália, um grande mercado de produção de bovinos, passando pela África, América do Sul e América do Norte (México e Estados Unidos).

No Lone Tick, muda-se o boi

de pasto, separando o animal do carrapato, e alternando consecutivamente o local de pastagem do rebanho. O pesquisador conta que o tempo de uma rodada de quatro pastagens até ao retorno à área inicial é de 112 dias. Esse manejo promove um vazio forrageiro/sanitário de 84 dias, no local da pastagem inicial, período em que as larvas do carrapato ficam solitárias e morrem por falta de animais no local para se hospedar e se alimentar. "Ou seja, matamos o carrapato, sem utilizar produtos químicos", resume.

O trabalho compreende cinco etapas: contagem de parasitas por animal, a coleta de carrapatos para verificação da resistência dos carrapatos aos acaricidas, coleta de sangue dos animais para avaliação da presença dos agentes da TPB e para avaliação do estado de saúde geral do rebanho e a pesagem dos animais. Em seguida é realizada a rotação do lote de animais entre os piquetes de pastagens. A cada intervalo de troca de área é praticado o mesmo protocolo com os animais, repetindo as etapas.

O sistema foi estudado primeiro de forma experimental na cidade de Campo Grande (MS), região do Cerrado onde durante um ano, um grupo de 37 animais desmamados machos da raça Senepol, com infestação natural de carrapatos, foram divididos em dois grupos, de 21 e 16 animais respectivamente, sendo feita a rotação de pastagem com intervalo de 28 dias e sem a utilização de acaricidas. A área, de 32 hectares, foi dividida em quatro piquetes de oito hectares, com pastagem de *Brachiaria brizanta*, vr. Marandu.

O primeiro lote de animais foi introduzido na pastagem no início do experimento e os animais do segundo lote, após seis meses. Em cada intervalo foi contabilizada a quantidade de carrapatos nos animais. A média inicial de 26,2 carrapatos no primeiro mês caiu para 1,5 carrapato aos 56 dias. O resultado se repetiu e manteve um baixo número de carrapatos nos animais sem uso de acaricidas até o fim do experimento.

O cientista conta que a manutenção de uma baixa contagem de carrapatos nos animais é desejável para a manutenção da estabilidade enzoótica dos agentes infecciosos responsáveis pela TPB, ou seja, isto significa que os animais estão protegidos naturalmente contra a doença em função de estarem em contato permanente com baixas quantidades de carrapatos. "Com base nos resultados demonstrados, concluímos que a rotação com 84 dias de vedação dos piquetes foi efetiva no controle do carrapato sem a utilização de carrapaticidas, sendo possível, nas condições do bioma Cerrado, criar raças mais produtivas e com custo menor no controle do parasita agregando valor na cadeia produtiva", salientou Andreotti.

Além disso, o rebanho experimental obteve um ganho de peso médio diário de 0,425 gramas durante a pesquisa. Na contagem de carrapatos, o primeiro lote de animais alcançou uma média de 6,2 carrapatos por animal e o segundo lote, 10,36 indivíduos, sem a utilização de acaricidas durante o experimento.

Sistema apresenta controle ecologicamente correto

Andreotti comenta que um dos gargalos para o sucesso do controle estratégico do carrapato com o uso de acaricidas é o surgimento de carrapatos resistentes, resultado da pressão de seleção causada nas populações desses parasitos exercida pelo tratamento. O sistema Lone Tick corrigiu a carga parasitária para condições adequadas de controle. "Permitiu eliminar a pressão de seleção aos acaricidas funcionando como área de refúgio, ou seja, ele elimina o aparecimento de mutações relacionadas com a resistência na população de carrapatos. O sistema trabalha com baixa infestação de

carrapatos com redução de impacto da sua ação e manutenção da estabilidade enzoótica para a TPB. Inclusive, durante um ano de observação e monitoramento dos animais, nenhum deles apresentou sintomas para a doença", revela.

O sucesso do sistema Lone Tick, de acordo com o pesquisador, é porque o carrapato-do-boi completa o ciclo de vida no hospedeiro em 21 dias, com o ingurgitamento da fêmea e sua queda ao solo e consequente postura de três mil ovos, em média, iniciando a fase não parasitária. "As larvas emergem dos ovos e constituem 95% da população de carrapatos no ambiente, sendo fonte de reinfestação dos animais, não sendo alcançadas diretamente pelos carrapaticidas. A grande maioria das larvas do carrapato-do-boi não sobrevive no ambiente por mais de 82,6 dias", explica Andreotti a razão do período de vazio sanitário de 84 dias.

"O sistema Lone Tick oferece uma forma de controle nesta fase de vida livre do carrapato, com base na rotação de pastagens, permitindo um tempo de 84 dias das larvas sem contato com o hospedeiro, tempo suficiente para a morte das larvas por inanição", fala. Os resultados da pesquisa mostram que, com base no conhecimento da ecologia e biologia do parasita, é possível controlar de forma ecologicamente correta as populações dessa espécie de carrapato, atendendo assim, uma demanda de mercado internacional: a diminuição do uso de produtos químicos e seus efeitos colaterais.

A experiência no Sul do Brasil O projeto está sendo desenvolvido também na região de Pelotas (RS), na Embrapa Clima Temperado. "Escolhemos o Rio Grande do Sul por dois fatores: a forte vocação para pecuária de corte e de leite e a possibilidade de avaliar o estudo em condições climáticas bem distintas da região do Cerrados", justifica Andreotti.

Em março deste ano, a equipe do Projeto realizou um evento online no canal da Embrapa no YouTube, a live Manejo do Carrapato-do-boi sem pesticidas com a participação de Andreotti e o extensionista Hector Silva Diaz, da Emater/RS-Ascar.



## Resultados promissores

Os resultados iniciais foram colhidos na primeira semana de setembro, mostrando-se promissora a estratégia de manejo. "Encontramos pouquíssimos carrapatos, sem vermes e sem agentes de TPB", informa o professor Rodrigo Cunha. A técnica de laboratório Jaqueline Cavalcante Barros, da Embrapa Gado de Corte, responsável pela catalogação de dados do Projeto, disse que na contagem de carrapatos em agosto, a média foi de 93 parasitas por animal. Após a instalação do projeto, a primeira contagem apresentou 37 carrapatos por animal, uma boa indicação para redução inicial da aplicação da tecnologia.

O pesquisador Andreotti afirma que os resultados preliminares de instalação da tecnologia são promissores. "Ainda precisamos experimentar a tecnologia nos próximos meses de verão no Sul para conhecer a pressão da temperatura e umidade da estação para verificar os desafios ambientais para se fazer uma avaliação mais madura do sistema nesta região, analisando o estado de equilíbrio entre aspectos nutricionais dos animais nos piquetes e a carga parasitária", anuncia.

# Pode dar osso para o cachorro?



Não há nada mais icônico que a imagem de um cão com um belo osso na boca, não é mesmo? Praticamente todos eles amam e, se permitido, passariam horas e horas roendo incansavelmente. Mas, afinal, será que cachorro pode comer osso? É o que a gente vai descobrir!

A princípio, saber se pode dar osso para cachorro é importantíssimo, mesmo sabendo que nenhum deles rejeitaria esse belo "lanchinho da tarde". Isso porque muitos ali-

mentos diferentes das rações podem fazer muito mal a eles. Portanto, buscar informações é essencial!

Afinal, por que cachorro gosta de osso?

A princípio, o principal motivo que explica o porquê do cachorro gosta de osso é devido ao seu instinto natural de caçador. Na natureza, antes de serem domesticados, os cães viviam especialmente da caça. Logo, eles aproveitavam toda a fonte

de proteínas e nutrientes de suas presas, incluindo os ossos.

Embora não pareçam nada nutritivos, muitos menos saudáveis, os ossos eram usados como uma forma de suprir a falta de gordura nas carnes de animais que sofriam com as adversidades territoriais e climáticas.

Em outras palavras, essas presas que eram abatidas nem sempre estavam com uma boa quantidade de gordura necessária para compor as necessidades dos caçadores. Dessa forma, eles eram obrigados a roer os ossos da presa.

Cachorro pode comer osso?

A resposta é não, não pode dar osso para cachorro! Isso porque os ossos, como o de frango, por exemplo, podem se despedaçar e provocar lesões intestinais, em órgãos internos ou na própria gengiva do pet. "Mas eu ouvi falar que os ossos trazem muitos benefícios aos cães, é verdade?" Sim, eles podem promover benefícios a eles, como:

- Contribui para a higienização dos dentes (eliminando as famosas placas bacterianas, o tártaro canino)
- Diminui o estresse
- Estimula o instinto canino
- Promove entretenimento ao pet
- Desenvolve a musculatura da mandíbula

"Então, como eles promovem todos esses benefícios e são proibidos?"

Na verdade, existem tipos de ossos para cachorro que servem de petiscos para eles.

Qual osso cachorro pode comer?

Basicamente, os únicos ossos permitidos são os produzidos especificamente para cães, como o de nylon, os naturais (bovinos, sem terem passado por processos de aquecimento), sintéticos, de nó, entre outros.

A partir de qual idade posso oferecer os ossos?

A princípio, o ideal é esperar que o filhote de cachorro esteja com a sua dentição 100% completa para que não haja o risco de quebrar algum dente de leite. Esse período deve acontecer a partir dos quatro meses de idade. A partir desse momento, você pode recorrer a um osso específico para filhotes, que são um pouco mais macios e não trazem riscos à saúde.

Sempre supervise as brincadeiras!

É importante destacar: evite deixar o pet com o osso de cachorro sem qualquer supervisão, uma vez que existe o risco de ele engasgar ou se machucar. Além disso, prefira sempre modelos que não sejam muito menores que a boca do cão para evitar que ele engasgue. Fique atento, também, com pedaços que se soltarem.

## Por que cachorro come mato? Entenda sobre o assunto!



Que atire a primeira pedra quem nunca viu um cachorro comendo mato no jardim alheio. É aí que muita gente coça a cabeça e se pergunta: por que cachorro come grama? Será que isso é um comportamento normal ou nunca devemos deixá-los fazer uma boquinha no quintal do vizinho?

A princípio, é sempre bom destacar: os cães têm hábitos muito diferentes dos nossos. Por isso, é normal acharmos estranho ao ver o próprio cachorro comendo mato. Mas procurar uma informação concreta sobre alguns comportamentos é fundamental para evitar problemas no futuro.

### Por que cachorro come mato?

Afinal, por que cachorro come mato? A princípio, não há uma resposta única para esse comportamento. Alguns estudos indicam que o hábito canino de comer grama é algo genético, mas também é possível que isso seja um sinal de algum tipo de desconforto intestinal ou deficiência nutricional.

Dessa forma, podemos dizer que nem sempre um cachorro comendo mato deve ser motivo de preocupação, já que alguns até mesmo podem simplesmente só apreciar o gostinho das plantas. Por isso, é fundamental investigar os motivos e saber quando devemos intervir.

A seguir, veja alguns motivos que podem explicar um cachorro comendo mato:

- Apreciação do sabor
- Fome
- Dieta deficitária
- Ansiedade
- Desconfortos intestinais, como gastrite, intestino preso, entre outros.
- Instinto de caça
- Desidratação
- Cólicas

Cachorro comendo mato: quando devo me preocupar?

Basicamente, você deve descon-

fiar de um cachorro comendo grama quando isso se torna um hábito recorrente. Ou seja, se você perceber que o seu pet está frequentemente comendo as graminhas do seu jardim (algo que ele nunca fazia antes), desconfie!

Mas, além disso, pode ser um sinal de problema de saúde quando o cachorro come grama e, posteriormente, apresenta:

- Apatia
- Falta de apetite
- Diarreia
- Vômitos

Ponto importante: esses são alguns dos sinais mais comuns. Mas se perceber seu cachorro comendo mato com frequência e apresentando comportamentos incomuns, procure a ajuda de um médico veterinário!

Cachorro comendo mato: faz mal?

Se o seu cachorro come mato, mas tem uma dieta equilibrada e, aparentemente não está com nenhum problema de saúde, não tem problema deixá-lo à vontade se deliciando com uma bela "salada". As graminhas são excelentes fontes de fibras que ajudam no funcionamento do intestino canino.

A única questão que devemos ficar de olho é em relação ao tipo de grama que o cachorro pode comer. Isso porque nem todas são comestíveis pelos cachorros, pois muitas delas são tóxicas e podem causar sérios problemas de saúde, como irritações no estômago e até intoxicações.

Portanto, se o seu pet adora comer uma graminha, aí vai uma dica: você pode comprar uma grama específica para cães, como a Graminha Ípet Green Digestive Grass para Cães, por exemplo. Ela ajuda a fortalecer o sistema imunológico, desintoxica o fígado e o sistema digestivo e é 100% natural.

Essa é uma maneira de garantir que o seu pet esteja 100% protegido!

## Vamos falar sobre o espaço pessoal dos cães?



Imagine que você está caminhando tranquilamente pela rua e alguém que você não conhece se aproxima, aperta suas bochechas e bagunça seu cabelo. Qual seria sua reação? Já parou pra pensar que os cães passam por isso com uma certa frequência?

Infelizmente, é comum vermos cães terem seu espaço pessoal sendo invadido por outros cachorros e pessoas no dia a dia. Por mais que o intuito da aproximação seja bom e carinhoso, nem sempre os cães percebem desta forma e isso pode se tornar um grande problema!

O espaço pessoal é uma área imaginária ao redor do nosso corpo que buscamos preservar para nos mantermos seguros e confortáveis. Esse espaço é flexível e muda de acordo com a personalidade de cada um, com o ambiente, a situação, a afinidade ou a proximidade com o outro que está vindo na sua direção. O mesmo vale para os cães!

Alguns cães são mais sociáveis, outros menos. Alguns gostam mais do contato físico, outros menos. Alguns são inseguros ou até já estão sensibilizados e traumatizados com experiências anteriores de interação com outros cachorros e pessoas! Precisamos aprender a

perceber e respeitar isso!

Um cão não precisa interagir com qualquer pessoa ou cachorro que ele encontra pelo caminho. Cães que têm seu espaço pessoal invadido podem desenvolver comportamentos agressivos e ansiosos na presença de outros cachorros e pessoas, o que prejudica a convivência social e a qualidade de vida deles.

Antes de nos aproximarmos de um cão, é importante pararmos a uma distância confortável para todos e observá-lo. Assim, também damos tempo para ele nos observar, sentir nosso cheiro e nos mostrar se está confortável e tranquilo para a interação.

Caso o cão se mostre calmo e se aproxime para interagir com você, vá com calma, você está se conhecendo! Carinhos muito intensos e uma invasão brusca do espaço pessoal podem assustá-lo.

Quer saber se o cão está confortável com a interação? Faça o teste de consentimento: pare o que estiver fazendo com ele e volte a observá-lo. Se o cão não se aproximar de você novamente é porque ele não quer continuar interagindo!

E se o cão não quiser interagir, tudo bem! A escolha é dele, só cabe a nós respeitar! Afinal, uma interação só é positiva quando é boa para todos os envolvidos!